

SUICÍDIO NA ESCOLA: UMA RODA DE CONVERSA ENTRE ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM SOBRAL-CE

¹Mariane Rodrigues Rufino; Efigênia Cordeiro de Barbalha; Helena Arcanjo da Silva; Ana Paula Feijão de Carvalho; Ricardo de Oliveira Tavares

Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, PIBID/UVA Subprojeto Biologia /¹ aryanne2008@hotmail.com

RESUMO: O suicídio tem se tornado algo cada vez mais frequente na sociedade, resultando em um preocupante problema de saúde pública, sendo cada vez mais recorrente no público jovem. A escola tem um papel importante na prevenção do suicídio, pois pode promover ações para conscientizar os alunos e a comunidade de como procurar ajuda, diante de um tema tão difícil. Também deve estimular a reflexão sobre o papel docente diante desse assunto, sendo que muitos professores deparam-se com alunos automutilados, depressivos e com tendências suicidas, em seu dia-a-dia. Sendo assim, este trabalho objetivou a realização de uma roda de conversa informal que visou a abordagem do tema de forma em que os alunos pudessem expressar experiências vividas, sentimentos e opiniões a respeito do assunto, de maneira confortável e segura, promovendo um momento em que houvesse troca de experiências e superações. A roda de conversa foi realizada no laboratório de uma escola, localizada em Sobral- CE, com a presença de 14 alunos monitores da escola, 3 alunos bolsistas do Programa Institucional de Iniciação a Docência – PIBID, e uma professora da escola. Inicialmente os alunos monitores responderam um questionário de múltiplas escolhas, no qual os alunos expressaram seus conhecimentos e opiniões prévios sobre o assunto e posteriormente houve uma roda de conversa informal. Durante o momento, os participantes da conversa tiveram a oportunidade de relatar suas experiências pessoais, e as diferentes maneiras que encontraram para superar as dificuldades vividas. Neste momento foi deixado o espaço aberto para todos os presentes, e ninguém foi induzido a falar, para que fosse uma conversa espontânea. Posteriormente foram apresentados dois vídeos; um que apresentava dados sobre o tema e outro, motivacional que apresentava a importância da valorização da vida. E por fim, foi repassado um segundo questionário, no qual registraram seus sentimentos, e sugestões sobre o momento. Através dos questionários, pode-se avaliar que a maioria dos alunos concorda que é importante o professor mostrar apoio e preocupação com o bem estar de seus alunos e conversar com eles não importando a sua área de formação, e sim sua atenção e acolhimento. Durante o momento da intervenção, houve

muitos desabafos, muitos alunos expressaram angústias e sentimentos, elogiaram a ação e pediram mais encontros, e o objetivo de promover um ambiente acolhedor para os participantes foi alcançado embora muitos permanecessem calados, mostraram-se atenciosos e tocados pela ação.

Palavras-chaves: Suicídio, Escola, Intervenção, Conversa.

INTRODUÇÃO

O suicídio é um problema de saúde pública, cada vez ouvimos nos noticiários que o número de pessoas que cometem suicídio vem aumentando nos últimos anos (CÔRTE & MUSSI, 2012). Um estudo realizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) relata que pelo menos uma pessoa se suicida no mundo a cada 40 segundos. O suicídio vem se tornando uma verdadeira epidemia de grandes proporções, sendo uma preocupação constante para vários países ao redor do mundo. Os maiores índices costumam ser registrados em países pobres, onde os habitantes sofrem com problemas socioeconômicos. Cerca da maior parte desses resultados são de adolescentes que cometem suicídio, existem diversos fatores que influenciam essa atitude de muitas pessoas. De acordo com Abreu (2010), o suicídio é um problema com várias causas, é uma ação que está ligada a fatores biológicos e psicológicos, estando associados ao contexto socioeconômico. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD, sigla em inglês) considera como uma evidência o fenômeno suicida, não apenas de colapso pessoal, mas também de uma deterioração do contexto social em que um indivíduo vive.

O suicídio pode ser o ponto final de um número de diferentes fatores que podem contribuir. É mais provável de ocorrer durante os períodos de crise associadas a perturbações de relações pessoais, por meio de abuso de álcool e drogas, desemprego, depressão clínica e outras formas de doença mental. Devido a isso, o suicídio é frequentemente utilizado como um indicador indireto do estado de saúde mental da população (Parente, 2016,p 2)

Ainda de acordo com Côrte & Mussi, (2012), existem diversos fatores que podem impedir a detecção precoce e, conseqüentemente, a prevenção do suicídio. As marcas e o tabu relacionados ao assunto são aspectos muito importantes. Durante séculos de nossa história, por diversas razões, sendo elas religiosas, morais e culturais o suicídio foi considerado um grande "pecado", sendo tratado como o pior deles. Por esta razão, ainda existe medo e vergonha de falar abertamente sobre esse importante problema de saúde pública. Esse tabu, arraigado em nossa cultura, por séculos, não

vai desaparecer sem o esforço de todos nós. Tal tabu, assim como a dificuldade em buscar ajuda, a ausência de conhecimento e de atenção sobre esse importante assunto por parte dos profissionais de saúde e a ideia errônea de que o comportamento suicida não é um evento frequente condicionam barreiras para a prevenção. Lutar contra esse tabu é fundamental para que a prevenção seja bem-sucedida.

Essa prevenção não deve partir apenas do profissional de saúde, mas também dos profissionais da área de educação, onde os adolescentes passam maior parte do seu dia. Então a escola tem uma difícil missão que é contribuir na prevenção destas causas.

Segundo (Baggio, 2009, p2) A escola tem papel estratégico para a promoção e proteção da saúde dos alunos, pois é o local onde são reproduzidos os padrões de comportamentos e relacionamentos que podem por em risco a saúde dos jovens. Nesse sentido, acredita-se que se a escola possa ser um local privilegiado para a identificação precoce de situações problemáticas, já que aspectos relacionados ao meio familiar, grupo de amigos e escola são de extrema importância para a qualidade de vida do adolescente.

Atualmente a mídia tem grandes influências sobre os adolescentes, hoje a escola, necessita de profissionais como os psicólogos, mas em muitas delas ainda existe a ausência destes profissionais, tornando-se o trabalho de gestores e professores mais complicado, pois as instituições de ensino superior não oferecem qualificação adequada nos cursos de licenciatura, no que se diz a psicologia.

Haja vista a atual situação vivenciada no Brasil e no mundo, torna-se importante o presente trabalho devido às ocorrências de alunos que cometeram suicídio na referida escola para promover reflexões sobre o assunto, tal como a escola tem se portado diante dos casos.

Este trabalho tem por objetivo promover uma roda de conversa entre alunos monitores para uma discussão com tema suicídio, onde fossem expostas experiências vividas, dificuldades, sentimentos e diferentes maneiras de se lidar com problemas da vida, incluindo o papel do professor na missão de orientar o aluno além da disciplina que lhe cabe ministrar.

METODOLOGIA

Em uma escola localizada na cidade de Sobral-CE, foi promovida uma roda de conversa, com 14 alunos monitores de biologia da escola, a professora da disciplina de biologia, e três bolsistas PIBID subprojeto biologia. De acordo com Mélo et al. (2007), as rodas de conversa

priorizam discussões em torno de uma temática e, no processo dialógico, as pessoas podem apresentar suas elaborações, mesmo contraditórias, sendo que cada pessoa instiga a outra a falar, sendo possível se posicionar e ouvir o posicionamento do outro. O suicídio deve ser discutido em salas de aula, rodas de conversas, corredores da escola, e até mesmo em casa pois este assunto precisa sair da zona do silêncio para que as pessoas se sintam amparadas (CÔRTE & MUSSI, 2012).

De início foi entregue um pré-questionário para que os alunos registrassem suas ideias prévias a respeito do assunto. A mediadora iniciou a conversa abordando o tema promovendo um debate inicial com a turma em seguida expôs seus problemas pessoais sofridos durante a infância, adolescência e vida adulta, e como fez para superar essas dificuldades, seguindo de conselhos, para orientar os ouvintes que passaram ou passam por problemas semelhantes nos dias atuais. Foram apresentados dois vídeos; o primeiro explicava o que é depressão, e mostrava as pessoas onde e como buscar ajuda, e outro vídeo era motivacional. Em seguida os jovens foram motivados a expor também seus sentimentos, vivências, inseguranças, sempre respeitando seus limites, deixando o espaço aberto para todos. Devido o tema ser de difícil abordagem e o debate ser de assuntos muito íntimos, nenhum jovem foi pressionado a falar. Para facilitar a conversa foi entregue um segundo questionário para que os alunos registrassem sentimentos, reclamações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O pré-questionário foi respondido por 14 alunos entre 16 a 19 anos, sendo 9 do sexo masculino, 4 do sexo feminino e 1 não identificado. As respostas foram extremamente solidárias as pessoas que sofrem de depressão, automutilação e suicídio. Foi surpreendente a maneira como os jovens desabafaram e se mostraram receptivos a ajuda. Na primeira questão, 3 alunos disseram ser importante o professor da sala de aula mostrar apoio, preocupação com o bem estar de seus alunos e conversar com eles, não importando a área de sua formação. Apenas 1 discente respondeu que alguns alunos poderiam ficar constrangidos e não seria bom, caso o professor não seja especialista em psicologia. Isto mostra a carência de atenção e que, independente da vontade do professor, aluno o vê como um orientador de vida e não apenas da disciplina. De forma alguma os alunos acreditam que um professor que não entende do assunto, mas que se mostra disponível a ouvir e apoiar seu aluno possa piorar a situação (TASSONI, 2000).

A respeito das pessoas que se automutilam, 5 alunos responderam que isto ocorre por problemas emocionais e que estes jovens precisam de ajuda; 4 que estes jovens querem expor na pele a dor que sentem na alma; 1 aluno respondeu que são pessoas traumatizadas por alguma

violência que sofreram ou presenciaram (violência doméstica, divórcio estupro) e 4 alunos apresentam respostas variadas marcando mais de uma entre as citadas. Nenhum deles acredita que pessoas façam isso pra chamar atenção por serem mimadas ou pra se integrar a um grupo. Outros alunos ainda acrescentaram que estas pessoas devem ser ouvidas e acolhidas e precisam de acompanhamento, amor e carinho.

A escola pesquisada contém um histórico de suicídios, sendo que do meio do ano de 2016 até agosto de 2017, 4 alunos se suicidaram. A 4ª questão foi a que causou mais divergência entre os alunos, a questão foi a seguinte: “Sobre os suicídios que ocorreram na sua escola, como você acha que os professores e o núcleo gestor reagiram com os alunos?” Analisando as respostas, foi observado que 2 alunos disseram que não deram a importância que devido ao ocorrido 4 disseram que os professores e o núcleo gestor buscaram conversar e conscientizar os alunos desde o primeiro caso; 6 disseram que estes vieram na sala consolar os amigos e colegas dos jovens falecidos; 1 marcou as duas das respostas já citadas e 1 aluno escreveu: “começaram mas não continuaram. Depois do último caso voltaram com a palestra”. Isto foi o que cada um percebeu. Talvez a ajuda não tenha chegado de maneira eficiente a todos os alunos.

Quando questionados a respeito do que acham das pessoas que tentam ou praticam suicídios, muitos marcaram mais de uma alternativa, mas a grande maioria marcou como principal objetivo dos que tentaram ou cometeram suicídio, tentar matar a angústia que sentem e não de tirar a vida, alguns culpavam problemas emocionais como depressão e apenas dois relataram como uma das causas a falta de um bom convívio familiar.

Em uma questão que perguntava “se os jovens tivessem uma boa relação com a família ou com alguns membros da família, encontrando apoio, evitaria esse tipo de comportamento (depressão, automutilação e suicídio)?” a maioria das respostas ficaram entre sim (6 alunos) e parcialmente (6 alunos), apenas 1 respondeu que não e 1 aluno ainda escreveu: “as vezes o “bom convívio” não ajuda”. Outro ainda acrescentou: “sim, a família é um dos maiores apoios que devem ajudar... É muito importante o afeto e a compreensão...” ainda houve um desabafo que não foi bem compreendido pelos autores deste trabalho: “eu quero matar todo mundo!”

Outra questão foi: “Ao notar ou tomar conhecimento de um aluno em estado de depressão ou automutilação, seus professores:”, 5 disseram que os professores conversam; 2 que ignoram; 1 que encaminha a direção e 5 chamam os pais. Um dos alunos acrescentou: “alguns conversam com o aluno... E outros é tão focado no profissionalismo que não conseguem enxergar o que acontece com um de seus alunos”. Esta questão reforça a carência de afeto que o aluno sente pelo professor,

tentando compartilhar com eles suas crises emocionais, eles esperam encontrar nos seus mestres segurança, compreensão, algo além do profissionalismo (Tassoni, 2000). De acordo com Cerqueira (1997) este é um vínculo de dependência, representado a relação de pais e filhos. Talvez alguns professores não gostem de acatar mais essa responsabilidade, mas até um médico deve conversar e criar laços de confiança com o seu paciente para conhecê-lo melhor assim ter eficiência em seu trabalho. Infelizmente o professor está sobrecarregado, mal tem tempo de organizar suas aulas, as salas muitas vezes super lotadas não dão espaço para o professor interagir com cada aluno, o fazendo tomar iniciativa muitas vezes em situações extremas.

Foi dado um espaço para que os alunos pudessem expressar um sentimento, uma mensagem, mas muitos não responderam. Alguns falaram da importância de ouvir o outro; “Nem todos sabem ajudar, pensam que podem ajudar, mas eu no meu caso só escuto, por que sei escutar e no final dá algum conselho já ajuda muito. Muitos não sabem escutar, nem fazer nada, só ver e fingir que não viu”. Acredita-se que este aluno falou de maneira geral, não se referiu ao professor, mas na missão de cada um ouvir e ajudar o próximo. “Devemos sempre conversar com as pessoas, conversar é sempre um bom caminho.” Outros falaram da valorização da vida: “Seja feliz!!! O mundo dá voltas. Procure alguém pra desabafar. Segue o baile.”; “A vida e a natureza são de uma perfeição magnífica, uma vida é insuficiente para aproveitá-la, então não desperdice essa oportunidade!”; “A vida é o bem mais precioso que temos, e por mais dura e difícil que ela possa ser, continuar vivendo os pequenos momentos de felicidade faz com que as coisas ruins não serem importante.” Outros ainda desabafaram: “Não sei o que dizer, mas quem se corta ou comete suicídio tem sim suas razões; eu já tentei suicídio por falta de apoio da família.” Aqui estão os considerados mais relevantes.

Após responderem o questionário houve uma conversa bem informal abordando a vida da mediadora, onde esta expôs dificuldades sofridas como: buling, falta de apoio familiar, calúnias, baixa autoestima, insegurança com o futuro, insegurança com o corpo, vida amorosa, enfim, problemas típicos da infância e adolescência, onde muitos alunos se identificaram e passaram a relatar suas próprias dificuldades. Um aluno chegou a declarar, quase chorando, que viu sua mãe sendo abusada várias vezes por seu pai e tentou matá-lo. Houve relatos de assédio sofrido, abusos, dificuldades de expor seus conflitos internos para outro aluno, alguns se mostraram emocionados, outros não ousaram falar, uma menina tentou por várias vezes contar o que sentia, mais ficou com medo de chorar e resolveu não falar. Outra aluna confessou ter decidido uma vez tirar a própria vida, mas que acabou desistindo. Outra aluna disse ficar com sensações ruins depois das coisas que

ouviu. A mediadora buscou ouvir calmamente os relatos, para que os alunos sentissem-se acolhidos, houve o temor de induzir os alunos a falarem em todo o momento e o espaço simplesmente foi aberto. Alguns alunos, que pediram mais encontros como estes, disseram que se sentiram bem apesar dos relatos tristes, sentiam-se motivados. Todos se mostraram bastante solidários e compreensivos uns com os outros.

No primeiro vídeo exibido um homem falava de sua leve depressão, seu tratamento e a vida normal que levava. Motivava as pessoas a buscarem ajuda e conversar sobre seus conflitos, além de não julgar os que sofrem desse mal, porém acolher e incentivar. O segundo vídeo exibido foi de um homem deficiente físico que superou suas limitações e tornou-se um grande palestrante motivador. O objetivo do vídeo foi ensinar a não reclamar do que não possuímos, mas sermos gratos por tudo que temos.

O segundo questionário teve por objetivo propor ao aluno a avaliação da roda de conversa, registrar elogios, sugestões e impressões. Dois alunos tiveram que sair mais cedo, portanto analisaremos 12 questionários.

Todos os alunos aprovaram a iniciativa. Disseram ser bastante proveitoso, que deveria acontecer mais vezes, muitos se sentira ajudados, motivados, ouvidos, elogiaram o método e a abordagem.

A segunda questão perguntava se havia mudado algo na maneira de pensar do aluno. As respostas ficaram divididas entre sim e não, pois 6 alunos alegaram já ter aquela forma de pensar, que foi uma reflexão e apenas acrescentou, enquanto 4 alunos disseram estar motivados para buscar ajuda e ajudar os outros, 2 não responderam exatamente o que tinha mudado.

Todos os alunos elogiaram a maneira como os problemas foram abordados, disseram que gostaram dos assuntos abordados, da maneira como fora discutidos e das sugestões de vida apresentadas, apenas um reclamou de alguns alunos não terem se manifestado apresentando seus problemas.

Quando questionados a respeito da dificuldade de expor seus sentimentos, 5 alunos não responderam, o motivo acredita-se que por estes não terem exposto, pois muitos ficaram calados durante o debate. E para preservá-los não foram forçados de maneira alguma; 4 disseram que não tiveram dificuldade ou da forma falada ou na forma escrita, eles conseguiram de expor algo que sentiam e 3 disseram tiveram dificuldades.

Ao avaliarem a mediadora, os alunos foram questionados sobre o acolhimento e o que ela poderia ter feito diferente; 8 responderam que sim e acrescentaram elogios, os outros não

responderam claramente se gostaram ou não, 2 alunos disseram que a mediadora deveria ter estimulado mais alunos a participar e 2 alunos não responderam.

Apesar de as respostas serem bastante satisfatórias, metade destes alunos responderam não saber ainda como ajudar pessoas na situação de depressão, automutilação, ou tentativa de suicídio.

Tudo foi muito proveitoso, apesar da inexperiência da mediadora. Acredita-se que pelo tempo de convivência na monitoria, a amizade com a professora da disciplina e bolsistas promoveu um ambiente acolhedor. Talvez se tivesse ocorrido em sala de aula e com mais alunos, a conversa não teria fluído tão bem.

CONCLUSÕES

O grupo formado foi composto de alunos familiarizados entre si e com os convidados, o que promoveu um ambiente acolhedor para a maioria dos presentes. A confiança foi se expandindo à medida que a conversa prosseguia, o que foi essencial para que os objetivos deste trabalho fossem alcançados. O que poderia não ser viável numa sala de aula, da maneira que ocorreu, pois é preciso que o mediador também se sinta confiante para falar suas vivências. Dependendo da sala, poderia não ser viável esse tipo de abordagem e sim, talvez um método mais formal ou menos pessoal. Pelos relatos no questionário e durante a conversa a escola deixou a desejar no sentido de apoio aos alunos, pois mesmo com palestras, conversas, essa ajuda não parece ter chegado de maneira eficiente a todos os alunos, pode-se perceber essa carência nas palavras, tom de voz e expressões dos alunos. Devido o assunto ser bastante delicado, requer um grau de atenção muito grande, uma abordagem em que o aluno se sinta ouvido e acolhido, que possa realmente mostrar para o aluno que ele é importante. Os participantes em geral, mostraram ter uma cobrança de atenção ao professor, como se este fosse um familiar responsável e tivesse o papel de acolher e orientar o aluno não apenas nas disciplinas, mas em sua vivências. Isto mostra a importância dos laços criados entre professor e aluno que vão muito além de sala de aula.

REFERÊNCIAS

ABREU, K. P. (2010). **Comportamento suicida: Fatores de risco e intervenções preventivas.** Revista eletrônica de enfermagem , 6.

BAGGIO, L. (2009). **Planejamento suicida entre adolescentes.** *L. S. Palazzo* , 9.

CERQUEIRA, A. T. de A. R.; (1997). **A prática pedagógica como processo de comunicação: a relação professor-aluno como eixo: o ponto de vista psicológico.** Interface —Comunic, Saúde, Educ

CÔRTE, B.; MUSSI, L. H. (2012). **A palavra suicídio, o que você pensa sobre ela?.** Revista Portal de Divulgação, n.22, 50-61.

MÉLLO, R. P. et al. **Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa.** Psicologia e Sociedade, v.19, n.3, p. 26-32, 2007.

PARENTE, A. C. (2016). **Perfil dos casos de suicídio em sobral entre os anos de 2010 e 2015.** SANARE , 8.

Organização Mundial da Saúde (OMS). **Prevenção do suicídio.** 2009 [home-page na Internet].

Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE). **Visão geral da sociedade 2014: A crise e suas conseqüências.** Publicação da OCDE. 2014 [home-page na Internet].

TASSONI, E. C. M. (2000). **Afetividade e Aprendizagem: a Relação Professor-Aluno.** Campinas; ANPED. 1-7.